



Conceitos de Tempo e Consciência Histórica na Perspectiva de Historicidade Humana

*Fábia Janaína Marciel da Silva¹; Antoniele Silvana de Melo Souza²;
Edgar Nogueira Lima³; Ivaneide Severo Goiana⁴*

Resumo: O presente artigo objetiva fazer uma reflexão teórico-metodológica, de forma sucinta, sobre alguns conceitos teóricos da História, dentre eles, o conceito de tempo, na visão de Koselleck, analisando sua ligação com o espaço, ampliando as formas de discussões e de suas transformações, relacionadas às complexas relações humanas e a percepção dos eventos ligados ao tempo e a História. Contempla também, uma reflexão sobre os regimes de historicidade, de Hartog, destacando seu conceito sobre o presentismo, verificado atualmente, através de mecanismos de percepção de uma aceleração temporal cotidiana sem precedentes, que não nos dá abertura para se projetar uma visão de futuro, devido às constantes mudanças políticas, sociais e culturais as quais nos submetemos diariamente. Traz ainda uma breve discussão a respeito da importância da consciência histórica, vista como necessária para uma melhor interpretação dos fatos que nos rodeiam, bem como para análise, ou mesmo, um despertar para a vinculação que existe entre o homem e suas ações no tempo. O ser humano, a partir dessa consciência histórica melhor observa e reflete sobre a vida e a interligação dela com os outros, com a rotina, com os acontecimentos, com a percepção do espaço em que vive porque adquire a maturidade de pensar sobre o mundo e o que está sua volta.

Palavras-chave: tempo histórico, consciência histórica, relações temporais, historicidade.

Concepts of Time and Historical Awareness in the Perspective of Human Historicity

Abstract: The present article aims to give a theoretical-methodological reflection, succinctly, on some concepts studied in the discipline of Theory of History, among them, the concept of time, in Koselleck's view, analyzing its connection with space, expanding the forms of discussions and their transformations related to complex human relations and the perception of events related to time and history. It also includes a reflection on Hartog's historicity regimes, highlighting his concept of presentism, currently verified, through mechanisms of perception of an unprecedented daily temporal acceleration that does not give us an opening to project a vision of the future, due the constant political, social and cultural changes that we undergo every day. It also gives a brief discussion about the importance of historical consciousness, seen in Gadamer and Rusen, as necessary for a better interpretation of the facts that surround us, as well as for analysis, or even an awakening to the linkage between man and their actions in time. The human being, from this historical consciousness, better observes and reflects on the life and interconnection of it with others, with the routine, with the events, with the perception of the space in which it lives because it acquires the maturity to think about the world and what is your turn.

Key words: historical time; historical consciousness; temporal relations; historici.

¹ Mestranda em Ensino de História pela Rede ProfHistória UFRJ-URCA. janainamarciel@bol.com.br;

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. antonielesouza@hotmail.com;

³ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. edgarlima@gmail.com;

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Ivaneidesevero@bol.com.br.

Introdução

“O tempo humano permanecerá sempre rebelde tanto à implacável uniformidade, como ao seccionamento rígido do tempo do relógio.”
Marc Bloch

O tempo é um fator crucial no entendimento dos percursos feitos pela humanidade. Ao analisarmos a sua passagem atualmente, logo percebemos uma nítida impressão de que o mesmo está passando muito rápido, dentre os diversos motivos destacamos a velocidade em que as informações nos chegam. As atividades cotidianas cronometradas cada vez mais pelo tempo do relógio, a habilidade que desenvolvemos de realizar várias atividades ao mesmo tempo, na notada intenção de que sobre mais dele para nós, no entanto, observando o efeito contrário, que quanto mais atividades se realizam, mais atividades estão à espera para serem realizadas. Observamos essa aceleração também nas colocações midiáticas que chegam a cada minuto. Enfim, são muitos os fatores que nos fazem acreditar que a forma de vermos a passagem do tempo mudou, e que o uso da consciência histórica para analisá-lo, trará uma melhor percepção sobre a nossa relação com o tempo e com os que nos cercam.

O Tempo e suas Camadas Sobrepostas

Quando nos deparamos com um estudo, ou análise sobre o tempo e seus diferentes ritmos, mudanças, permanências, rupturas, ou outros conceitos históricos aplicados ao conhecimento sobre o tempo, a obra de Reinhart Koselleck é sempre estudada, tamanha sua contribuição para o entendimento destes conceitos. Para Koselleck, o tempo histórico está diretamente ligado às ações humanas concretas, às suas realizações políticas, econômicas, sociais, culturais. Segundo ele, o tempo histórico é pensado pelo campo da experiência (passado) e o horizonte de expectativa (futuro), e ambos os campos, se entrelaçam e se associam ao presente, pois ao mergulharmos no passado estamos cheios de questionamentos colocados pelo tempo presente. Para Biffi:

Koselleck deixa claro que a interrelação entre o passado e o futuro se dá a partir do presente. Não é mais uma visão da História mestra da vida, no sentido de aprender com o passado já que as situações se repetiam, muito menos é a percepção cronológica, como era a religiosa. É pensar as relações temporais a partir de nosso lugar no tempo, ou seja, o tempo presente, pois é ele que define o nosso olhar para o passado, passado este ao qual também estamos ligados. (2017, p. 06)

Percebemos então, que na visão de Koselleck, cada experiência que temos no tempo presente, de alguma maneira dá um significado ao que se viveu ou ao que foi investigado sobre o passado. Como nos confirma Barros:

O historiador alemão desenvolveu uma singular perspectiva sobre o tempo que chama a atenção para o fato de cada presente não apenas reconstruir o passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade, tal como, aliás, já propunha os Annales do século XX, mas também que cada presente ressignifica tanto o passado, referido como campo da experiência, como o futuro, horizonte de expectativas. Mas ainda, cada presente concebe também uma nova maneira de relação entre o futuro e o passado, ou seja, a assimetria entre essas duas instâncias da temporalidade. (2016, p. 44).

Partindo desse entendimento sobre a importância do estudo do tempo e da relação que este tem com o ambiente, a vivência, as experiências humanas, será feita uma pequena consideração sobre o primeiro tópico estratos do tempo, do livro do autor que tem o mesmo nome: Estratos do tempo, estudos sobre História, para sintetizar um pouco do que foi entendido sobre essa relação do tempo e de suas camadas, pois Koselleck associou o termo “camadas” a uma metáfora, tomada dos estudos geológicos. O tempo pode ser entendido como uma sobreposição de camadas, mas elas não se opõem uma as outras, pelo contrário, elas coexistem e se suportam e a interligação destas pode ser associada ao estudo dos tempos históricos. Para Koselleck:

O historiador precisa servir-se de metáforas retiradas da noção espacial se quiser tratar adequadamente as perguntas sobre diferentes tempos. A História sempre tem a ver com o tempo, com tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metafórica, mas também empiricamente. (2014, p. 09)

Considerada a importância do autor no estudo, e na formulação destes conceitos que muito contribuíram para não vermos a História apenas numa perspectiva linear ou cronológica.

Segundo Bezerra:

Koselleck cria o projeto de uma História dos Conceitos e, cujo modelo comparativo, traz a marca da valorização dos estudos sobre a linguagem a partir dos conceitos e com ele, cria o léxico, e coloca a História dos Conceitos como uma incipiente prática disciplinar de grande valia para os estudos teóricos históricos na contemporaneidade. Com a História dos Conceitos vemos que a história jamais se esgota na linguagem. A teoria da História dos Conceitos de Koselleck é objeto de amplas discussões dentro dos estudos sobre a teoria da história, pois, atualmente, os conceitos estão na pauta do dia, quando abordamos reflexões sobre a função e os efeitos políticos que a linguagem provoca em debates sobre a importância da linguagem para os estudos históricos. (2017, p. 09)

De acordo com Koselleck, a metáfora Estratos do tempo nos remete a diversos planos, com diferentes durações, pois a História e o tempo estão relacionados ao espaço. Ele usou esse

termo a partir do século XVIII, depois que a ciência natural foi temporalizada para separar os diversos planos temporais e os acontecimentos relacionados aos mesmos. Os historiadores organizavam o tempo de forma linear, ou de forma circular, mas para Koselleck, ambos os modelos eram insuficientes, pois todas as sequências históricas contêm elementos lineares e circulares (recorrentes). Conforme o autor:

O proveito de uma teoria de estratos do tempo consiste em sua capacidade de medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando vivíveis os diferentes modos de mudanças que exibem grande complexidade temporal. (2014, p. 22)

Para o autor, tempo histórico e tempo natural se influenciam, e a história humana então, pode ser interpretada através dessa metáfora e os diferentes estratos estão relacionados às experiências acumuladas pelos sujeitos. Esses estratos do tempo se repetem em ações singulares, para essa comprovação, ele cita em sua obra o exemplo do casamento: para os noivos é uma experiência única, um ato individual, mas a cerimônia segue um ritual de repetibilidade, pois os ritmos e dogmas se repetem justamente para gerar uma precondição dos casos individuais, para gerar os eventos singulares, bem como, o exemplo do carteiro que faz o mesmo trajeto diariamente, mas sempre levando mensagens singulares. Dito isso, para Koselleck, essas ações que se repetem, mesmo apresentando suas singularidades, em ações únicas dos seres humanos, é o que condiciona a existência desses já citados dogmas, e rituais, onde o próprio tempo libera inovações para serem interpretadas nessas estruturas de repetição.

Os fatos humanos, segundo Koselleck, são únicos e por isso muito difíceis de serem previstos, mas, ao analisarmos as condições gerais, que são passíveis de repetição no tempo é possível fazer uma espécie de prognóstico através dessa repetibilidade: “*sem a pluralidade de estratos de tempo tampouco seria possível arriscar prognósticos.*” (2014, p. 14).

Essas estruturas de repetição não se reproduzem de forma homogênea, nem no mesmo ritmo, acontecem em diferentes velocidades, e também estão relacionados às experiências acumuladas pelos sujeitos. Sobre os estratos do tempo, uma das primeiras características citadas é a singularidade, os acontecimentos são surpreendentes e irreversíveis, representam reviravoltas que estabelecem forças represadas, ou: “*ao transcorrer como sucessão de singularidades, também, libera inovações que podem ser interpretadas progressivamente.*” (KOSELLECK, 2014, p. 21). E essas inovações nos são colocadas pela História por cada tempo vivido, ou conhecido.

Um estrato estudado pelo Koselleck, que ele chama de estrutura de repetição, e segundo o autor, essas estruturas de repetição ajudam a realizar os casos singulares. Para ele: “*sem o*

retorno do mesmo, ou pelo menos de algo semelhante, conforme um planejamento e sem organização seria impossível que eventos singulares se realizassem.” (2014, p. 21). Ele cita como exemplo o uso da linguagem para a comunicação, para que o ato singular da fala possa ser compreendido e a relação das leis e da justiça, pois as mesmas são formuladas de forma tão geral para poder julgar casos singulares, para que as mesmas possam ser aplicadas é preciso que haja uma recorrência. Ele diz que: *“fenômenos de recorrência podem ser demonstrados como condição de singularidade em todos os âmbitos da vida.”* (KOSELLECK, 2014, p. 22). A própria repetição pode ser uma singularidade, pois os acontecimentos singulares estão ligados a essas estruturas de repetição.

Outro estrato, evocado pelo autor, é o tempo transcendente que perpassa a experiência dos indivíduos e das gerações, como exemplo ele nos cita a reprodução biológica, o ato de concepção, nascimento e morte, *“que acolhe todas as histórias de amor e de ódio, todos os conflitos geracionais.”* (KOSELLECK, 2014, p.24) e que se repetem ultrapassando gerações, já existiam e continuarão a existir pelas gerações que se seguem. Para ele, todos os fenômenos de repetição que ultrapassam gerações e os limites do cotidiano podem ser chamados de transcendentos, assim como todas as histórias têm suas próprias experiências, e quando se desdobra no tempo faz surgir outras, e assim, se adquire as experiências, que podem se dá através de uma surpresa, que podem ser acumuladas pela repetição, se intensificando com o tempo, ou podem ser adquiridas no longo prazo, quando se invoca o passado para responder questões pontuais da atualidade, seguindo métodos históricos aplicados no presente para se investigar, ou se conhecer ações do passado.

Os Regimes de Historicidade e o Presentismo na Atualidade

A aceleração da vida moderna nos impulsiona para um tempo atribulado e constante, que nos encaminha a um futuro que não se permite chegar, que nunca é alcançado porque o presente não lhe cede espaço, as atividades, que desempenhamos no tempo presente não nos deixa vê-lo. Não conseguimos nos desvincularmos dele, como nos afirma Hartog:

O uso de termo presente expandiu-se, tornando-se uma categoria que abarca tudo: é preciso não somente ser de seu tempo, mas viver no presente. A moda e as mídias fazem dele sua palavra de ordem. O presente tornou-se um imperativo, como o futuro havia sido até esse momento. Aspirado à autossuficiência, não há nada além nem aquém de si mesmo, o futuro e o passado se apagam. (2015. P. 03)

O autor chama essa forma de ver o tempo de “presentismo”, pois se tem a idéia que o futuro passou a ser algo que perdeu seu terreno ao não enxergá-lo mais, dentro de um projeto temporal e que o passado não corresponde mais às nossas expectativas. Para Hartog:

A partir do momento em que esses dois projetos se apagaram, o passado e o futuro se obscureceram, e o presente não via nada além de si mesmo. Passou-se então a fabricar, a cada dia, o passado e o presente que se tem necessidade. As mídias cumpriram essa função, colocando em primeiro plano, o instante, o simultâneo. (2015, p. 04)

Como se apenas nos interessasse o agora, sem nenhuma projeção do que virá depois, provocando uma visão imediatista sobre o tempo, como se a carga do tempo presente, pesasse tanto sobre os ombros, que não dá tempo de imaginar o que vem depois. Hartog analisa a importância desse tempo pelo historiador, para que não ocorra simplesmente a sua instrumentalização, ao afirmar que:

O historiador vive quotidianamente o tempo, mas mesmo que ele não mais se interesse, no dizer de Benjamim, pelo tempo linear “homogêneo” e “vazio”, ele corre o risco de simplesmente instrumentalizar o tempo. Compõe também parte da tarefa do historiador tentar pensar sobre o tempo, não sozinho, é obvio. Diante de nós, houveram vários momentos em que o tempo foi objeto de uma intensa reflexão, especulações, medos, sonhos, por exemplo, ao fim do século XVI ou por volta de 1900. (HARTOG, 2008, p. 01)

Cabe ao historiador compreender o tempo, longe de analisá-lo apenas como um instrumento linear, sem aprofundar-se em suas mudanças, sem observar as diacronias e sincronias relacionadas aos fatos históricos vivenciados dentro desses períodos.

Hartog escreve sobre três modelos temporais bem nítidos para a compreensão das mudanças na visão dos tempos históricos, bem como descreve suas características. Para ele existe uma grande diferença entre época e regime, época seria apenas um recorte no tempo linear, enquanto o regime organiza o passado em forma de estruturas. Para o autor: “*um regime não é uma entidade metafísica, que desce dos céus, mas antes um arcabouço durável, que é desafiável tão logo se torne predominante ou simplesmente funcional.*” (2008, p.10).

O primeiro modelo via a História como mestra da vida, a “Magistra Vitae” que tinha nos feitos do passado uma lição a ser vivenciada, ou afastada para se chegar a um futuro exemplar. Nele o passado podia ser um perfeito modelo do que seria vivido no presente do que estava por vir no futuro. Segundo Rafael Ruiz, esse era:

O modelo clássico, inaugurado por Tucídides e Cícero, quando entendia a História como *magistra vitae*, uma velha mestra que educando com os seus exemplos do passado poderia preparar nosso caminho no futuro. Esse modelo histórico predominou com altos baixos até metade do século XVIII. (Ruiz, 2016, p. 75)

Nas palavras de Hartog, (in, Romero): “*o primeiro movimento era o de olhar o passado, não para repeti-lo, mas para compreender o devir, para encontrar seus precedentes, exemplos e referências com vistas às ações praticadas.*” (ROMERO, 2015, p.04)

No posicionamento de Koselleck, sobre a *Magistra vitae*, ele a explica como se a História fosse um caminho que:

Contendo múltiplas experiências alheias, das quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico, ou nas palavras de um dos antigos, a história deixa-nos livres para repetir sucessos do passado, em vez de incorrer, no presente, nos erros antigos. Assim ao longo de cerca de dois mil anos, a história teve o papel de uma escola, na qual se podia aprender a ser sábio e prudente sem incorrer em grandes erros. (2006, p.42)

Segundo Koselleck, mesmo que houvesse uma mudança no tempo ela não chegava a derrubar essa visão de lição, tão forte ela era, e que servia de importante observação para direcionar as demais gerações:

A perpetuação do nosso topo aludia a uma constância efetiva de premissas e pressupostos, fato que tornava possível uma semelhança potencial entre os eventos terrenos. E quando uma transformação social ocorria, era de modo tão lento e em prazo tão longo, que os exemplos do passado continuavam a ser proveitosos. A estrutura temporal da história passada delimitava um espaço contínuo no qual acontecia toda a experimentação possível. (KOSELLECK, 2006, p.43)

Fatores como o lugar ocupado pelas igrejas e instituições religiosas muito influenciáveis para grande parte das sociedades, bem como, a formação das grandes monarquias, reforçando a influência política sobre a vida das pessoas, contribuíram para dar vida longa a *Magistra Vitae* que perdurou até meados do século XVIII.

A partir da Revolução Francesa, de 1789, surge outro modelo que Hartog chamou de Regime moderno de historicidade. Segundo o autor:

Com a Revolução Francesa o futuro estava oficialmente em cena. Ruptura com o antigo regime e o avanço do que eu chamo de regime moderno de historicidade, ou seja, esse tempo marcado, segundo Koselleck, por uma lacuna crescente entre o campo da experiência e o horizonte da espera. (in Romero, 2015, p.03)

Sob a luz desse novo modelo, surge a idéia de que o tempo deveria está direcionado a um futuro, e que esse por sua vez poderia ser idealizado, ou contemplado, a partir de uma visão de progresso e de processo. Nas palavras de Ruiz:

Um processo que era, ao mesmo tempo, progressivo e teleológico (que leva a algum lugar, que tem um objetivo). A História seria “história do futuro”, como o próprio Chateaubriand, escritor francês afirmava; “eu escrevia História Antiga, e a História Moderna estava a bater à minha porta”. (2016, p.76)

Sobre a visão desse modelo, vemos a História como a preparação para um futuro, pois sua intenção era estabelecer um caminho, o melhor possível, para se chegar com êxito a esse futuro, vislumbrá-lo para alcançá-lo.

Mas, a partir de um grande acontecimento político, econômico e social que foi a queda do muro de Berlim, na Alemanha, em 1989, que trouxe mudanças antes não imaginadas pelas sociedades, com a total falta de previsibilidade sobre o futuro, houve a quebra do que Hartog chamava de Regime moderno de historicidade. Nas palavras de Hartog: “*Então chegou 1989, inesperadamente marcando o fim efetivo da ideologia que sempre se apresentava como o fio de corte do modernismo ou do futurismo.*” (2008, p.17), a queda do muro de Berlim trouxe à tona uma série de mudanças na forma de vermos o tempo, até onde existia um período em que o ponto de vista do futuro dominava.

No entendimento de Ruiz, sobre esse terceiro modelo, ele:

Surgiu no entreguerras, quando a partir do final da segunda guerra mundial, o futuro começava a perder terreno à medida que o presente, nada mais que o presente tornava-se importante. De certa forma, como afirmava Hartog na sua conferência, “o que temos experimentado no Ocidente ao longo do século XX é uma ênfase no presente enquanto tal.” (2016, p. 76)

Portanto nesse modelo, vemos que não era mais possível trabalhar com a idéia de um futuro direcionado, pois várias vertentes se abriram, não havendo mais espaço pra um direcionamento ao futuro, e que o próprio passado teria se tornado opaco, como também imprevisível, pois ele poderia também ser ampliado, colocando-se novas questões sobre o mesmo, para obtenção de novas respostas que por muitas vezes poderiam ter sido interrompidas, evitadas, ou destruídas, e dependendo do contexto, poderiam vir à tona.

Inicia-se assim, o “presentismo”, pois essa crise que se abateu sobre o futuro, deixou a humanidade sem nenhuma imagem formada sobre ele, e o próprio presente passou a ter uma imagem sobre si, como se já fosse futuro, trazendo uma aceleração temporal jamais imaginada. Para Hartog: “*o presentismo implica que o ponto de vista é explícita e unicamente o do presente.*” (2008, pág. 15).

Estava ocorrendo uma crise de futuro, porque por um lado tínhamos um passado recente que não tinha sido compreendido completamente, mas que devido ter apresentado uma diferença única em seu contexto, ou mesmo um corte diante do que poderia ser previsto não dava mais para orientar o presente, nem deixava margem pra se tentar interpretar o futuro. Ele fala como se existisse uma brecha temporal. Não havia naquele momento como explicar o tempo histórico. Sobre esse tempo, nas palavras de Ruiz:

Não é mais possível falar do futuro porque as velhas teorias deterministas, de uma história positiva, uma sucessão linear e progressiva não passava de uma ilusão. Não é mais possível ver o passado porque, depois da queda do muro, é mais fácil perceber que a muitos pontos de vista convergindo sobre o passado e narrando-o de formas muito diferentes. (2016, p. 76)

Por isso, a idéia de um presentismo, não somente pela falta de projeção do futuro, mas segundo Hartog, pelo dismantelamento dos instrumentos que poderiam nos dar essa previsão ou projeção: “*Assim fomos do futurismo, para o presentismo e ficamos habitando um presente hipertrofiado que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte: sem passado e sem futuro, ou a gerar seu próprio passado e seu próprio futuro.*” (HARTOG, 2008, pág. 14). Apesar de existirem críticas aos estudos de Hartog sobre sua forma de analisar o tempo, seus regimes de historicidade, especificamente vendo sua visão sobre o “presentismo” de uma forma muito pessimista, sem lançar perspectiva sobre o futuro, é inegável que sua forma de colocação intelectual sobre os recortes do tempo tornou possível a compreensão e uma maior reflexão por parte de quem estuda e espera compreender o tempo, sua passagem, suas transformações, colocando-o como um objeto essencial aos estudos históricos, pela forma de conhecê-lo de torná-lo viável, de tornar possível a reflexão sobre o mesmo. Na compreensão feita por Nicolazzi: “*seu mérito e sua utilidade residem antes na sua capacidade em conceituar o tempo, torná-lo de uma forma bastante particular, pensável e, sobretudo representável. Dizer o tempo, pensar a história, tal me parece sua profunda e pertinente contribuição.*” (NICOLAZZI, 2010, pág.28).

Portanto, seguindo a compreensão dos seus regimes de historicidade, até o começo dos anos 80, tínhamos três linhas de pensamento que configuravam o tempo na História: a História, mestra da vida, voltada para o passado, o Regime moderno de historicidade, voltado para o futuro, e a história do tempo presente, situada no hoje, aqui e agora. Mas, para Hartog, todos os três modelos se quebraram, não havendo mais como basear-se em nenhum deles. Em suas palavras:

Escrever uma história dominada pelo ponto de vista do futuro, como uma teleologia, não é mais possível, restaurar a antiga *história magistra* poderia ser tentador, mas intelectualmente, e não intelectualmente, não muito satisfatório! E o presente mesmo, como acabamos de ver, não é um chão seguro. Assim, o historiador não tem escolha a não ser edificar seu próprio ponto de vista tão explicitamente quanto possível. A abordagem comparativa parece-me oferecer uma resposta possível: tanto modesta que complexa. (2008, p. 18).

Essas colocações, feitas por Hartog, abrem a oportunidade de trabalhar a compreensão histórica da forma própria, onde cada um tem como missão elaborar sua interpretação sobre os

fatos históricos, colocando sobre eles seu ponto de vista sobre o que desejam compreender, levando em conta a produção de conceitos, de análises, de construções argumentativas que venham a contribuir com essa compreensão dos fatos históricos. Segundo Ruiz:

Significa ensinar a selecionar, relacionar, interpretar dados e informações de maneira a ter uma maior compreensão da realidade que estiver sendo estudada; ensinar a construir argumentos que permitam explicar a si próprios e aos outros, de maneira convincente, a apreensão e compreensão da situação histórica, significa enfim, ensinar a ter uma percepção o mais abrangente possível da condição humana, nas mais diferentes culturas e diante dos mais variados problemas. (2016, p. 78).

Consciência Histórica e Interpretação Histórica no Tempo

Para Gadamer: “*o aparecimento de uma tomada de consciência histórica constitui provavelmente a mais importante revolução pela qual passamos desde o início da época moderna.*” (GADAMER, 2006, p. 17). Essa tomada de consciência que foi adquirida pelo homem moderno, foi fundamental para que a sociedade pudesse ter uma visão mais abrangente sobre as coisas, os fatos, os acontecimentos que permeiam duas vidas, embora ela não chegue para todos, de forma igual, é possível afirmar que sua importância é grandiosa. O próprio termo consciente, ou estar consciente, já caracteriza uma certeza interna daquilo que se faz, ou diz. É um reconhecimento da sobriedade humana, estar consciente é saber o que faz, é sentir-se no mundo. É compreender um pouco do passado que se viveu, sabendo que esses fatos verificados no passado, serão chamados ao tempo presente, quando se fizer necessário responder, ou compreender determinada vivência, ou determinadas escolhas. Eles têm uma ligação profunda com o que se vive hoje.

A consciência histórica, de se achar no mundo e para o mundo faz o homem contemporâneo pertencente a um contexto, seja ele familiar, político, social, cultural. Não se está solto no Universo, existe uma cadeia de fatos e de eventos que respondem ao modo que se vive o hoje. Certamente, com relação à História, existem rupturas, permanências, não se segue um sistema linear, onde se possa prever, ou até mesmo determinar como será o futuro, mas essas mudanças históricas, certamente são melhores percebidas quando conhecidas e entendidas pelo grande laço histórico que envolve a todos.

A consciência histórica tem um papel relevante no pensamento reflexivo dos homens, quando Gadamer o cita, dessa forma reflexiva, os dois termos na verdade são interligados, dificilmente se reflete sobre algo sem ter consciência sobre ele, essa grande vantagem do ser pensante humano tem que ser baseado na reflexão. Falta a muitas pessoas na atualidade, essa

tomada de consciência ainda. Para muitos não se faz necessário ligar passado e presente, vivem como se não precisasse se utilizar da memória temporal, sendo que ela como nos disse Le Goff (1990), é um elemento essencial para formar a nossa identidade individual e coletiva.

Quando se permite ter essa consciência, Gadamer a considera de extrema importância, pois para ele: “*essa consciência que caracteriza o homem contemporâneo é um privilégio, talvez até mesmo um fardo que jamais impôs a nenhuma geração anterior.*” (GADAMER, 2006, p. 17). Talvez esse fardo, como nos diz o autor, venha exatamente dessa necessidade de interpretar e relacionar os tempos, pois ela surge de um embate das múltiplas visões que podemos ter sobre o tempo, trazendo diferentes análises e perspectivas, fazendo as pessoas interagirem melhor com o meio que lhe cerca, além de lhes darem uma identidade temporal.

Segundo Gadamer, esse privilégio advém do fato do homem reconhecer a historicidade do tempo presente e de perceber que toda opinião é relativa, e de que essa consciência se mantém, ou deveria se manter, de forma permanente em nós, pois o homem moderno tem um espírito reflexivo. Para o referido autor:

Consciência histórica é uma posição reflexiva com relação a tudo que lhe é transmitido pela tradição. A consciência histórica já não escuta beatificamente a voz que chega do passado, mas, ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios. Esse comportamento reflexivo diante da tradição chama-se interpretação. (GADAMER, 2006, p. 18-19)

Dessa forma, percebemos que tanto a interpretação dos fatos, como uma visão reflexiva sobre o mundo que o cerca, faz o ser humano se orientar melhor diante dos problemas que lhe são postos pelo cotidiano, bem como facilita o mesmo a relacionar determinados fatos, ou conflitos com algo que foi vivenciado por ele ou por outra geração em outros tempos, procurando a melhor forma de solucionar ou melhorar o que vivencia como problema ou conflito no tempo atual.

Ainda sobre o ponto de vista da interpretação, para Gadamer, todo diálogo sobre o passado exige um procedimento interpretativo. Essa idéia de interpretação através da consciência histórica, que sabe do passado, mas reflete sobre o mesmo em seu contexto, não somente evidencia uma maturidade do homem moderno para não reproduzir anacronismos, como também o direciona a uma melhor compreensão da atualidade ao compreender essa idéia relativa dos fatos, e colocar no tempo presente sua interpretação sobre os mesmos, podendo analisar se são interferentes ou determinantes para o hoje.

Nessa linha de pensamento interpretativo, Rusen nos fala que: “*O trabalho interpretativo da consciência histórica e seu produto, a estrutura cognitiva chamada história,*

é concretamente manifestada na cultura histórica de uma sociedade.” (RUSEN, 2009, p. 172). Para este autor a consciência histórica orienta o homem no espaço e no tempo, a partir da interpretação do passado, e é um ponto essencial para compreensão e utilização dessa consciência, ajudando na construção da identidade histórica, no direcionamento de sua vida prática.

Segundo Schmidt e Garcia:

Em Rusen, a consciência histórica relaciona ser (identidade) e dever (ação) em uma narrativa significativa que toma os acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de suas experiências individuais e coletivas e de tornar legível o seu presente, conferindo uma expectativa futura a essa atividade atual. Portanto, a consciência histórica tem uma função prática, de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica. (2005, p 301)

Essa ideia de observar que a consciência histórica fornece identidade, pois ajuda no reconhecimento do nosso papel enquanto sujeito histórico, nos dando uma associação temporal, direcionando no agir humano é algo de grande valia para se propor que os jovens, ou toda a sociedade a adquiram, não ficando presos somente ao tempo presente. Conseguir realizar essa tarefa seria aproximá-los da História, para que a sociedade atual possa ter essa noção de sua importância, percebendo que não são uma geração perdida no tempo presente, e sim, que existe uma grande “costura”, uns “nós” que nos interligam a outros seres humanos e à outros tempos pretéritos. Ou seja: *“Buscar conhecer a consciência histórica dos jovens pode ser uma forma de ouvir o que eles têm a dizer, e também procurar entender como, da sua juventude pode está nascendo uma reivindicação da categoria política.”* (BITTENCOURT, 2017, p.35)

Nessa linha de raciocínio percebemos o quanto essa aprendizagem da consciência histórica modifica o pensamento e a forma de agir do homem, quando se diz que esse conhecimento torna-se subjetivo quer dizer que ele se torna pessoal, responde aos questionamentos de cada um, nos trazendo experiência e escolhas. Para Schmidt:

Rusen analisa a consciência histórica como uma forma de consciência humana que está relacionada com a vida humana prática, argumentando que um dos elementos dessa consciência é o tempo, pois o homem ao estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, precisa assenhorar-se do tempo para que possa realizar as intenções em seu agir. (2008, p.85)

Observa então, a relação que nasce dessa consciência com o tempo e com a interpretação histórica e como elas se relacionam trazendo uma melhor forma de compreensão dos fatos, do contexto histórico, ou de uma fundamentação teórica sobre si, o outro e o mundo que os rodeiam.

Conforme nos assegura Schmidt:

qual for a forma que a consciência histórica penetra no passado, como nos itinerários dos arquivos da memória, o impulso por esse retorno é sempre dado pelas experiências do tempo presente. Ou seja, a consciência histórica é o local em que o passado é levado a falar quando questionado e a questão que o faz origina-se de carência de orientação na vida prática atual, diante de suas experiências no tempo. Trata-se de uma lembrança interpretativa que faz presente o passado, no aqui e agora. (2008, p. 85)

Confirmando, que o uso da consciência histórica facilita nesse processo de assimilação de conhecimento que pode estar localizado no passado, mas que esse poder de busca interpretativa que temos utilizado no presente traria o alcance de respostas históricas satisfatórias aos nossos questionamentos no tempo atual. A consciência histórica sempre gera uma interpretação, uma orientação e uma melhor compreensão dos fatos, nos trazendo experiência histórica e um melhor conhecimento sobre o tempo, objeto de nossa vivência.

Considerações Finais

Diante do que foi analisado, fica clara a relação do tempo com o espaço, bem como a importância das experiências dos homens nesses espaços temporais. Os tempos são plurais, e se diferenciam em durações que se relacionam a vivência de cada ser humano, e que estão estruturados, têm suas particularidades, suas repetências que permitem a existência de singularidades e que se interligam a fatos que são transcendentais, que perpassam as existências humanas.

Então temos diante de nós, um tempo, que passa numa velocidade nunca antes imaginada, perceptível dessa forma pelas muitas transformações que acontecem de forma mais veloz, onde, essas repentinas mudanças, não nos permitem projetar um futuro estável, pois todo momento nos deparamos com mudanças constantes, que não nos dá condição alguma de previsibilidade, pelo contrário, nos coloca medo e insegurança. Podemos mencionar como exemplo as revoluções que acontecem no campo da informática diminuindo ainda mais essa visão de futuro e nos dando a nítida percepção dessa aceleração temporal.

Tentar realizar uma compreensão pessoal da História, da aceleração do tempo presente, das ações do homem sobre esse tempo, demonstrando seu ponto de vista, a partir de uma análise prévia é muito importante na atualidade, pois demonstra que a preocupação não é individual, e sim, coletiva. Compreendermos a humanidade dentro do tempo presente é analisarmos como foram essas relações com os tempos passados, de uma forma estrutural, pois as ações do homem

no tempo estão diretamente ligadas às vivências atuais e a nossa relação com esse tempo no presente. Por mais que se viva, nessa corrida presentista, não se pode de forma alguma, deixar de considerar os efeitos que as ações dos homens no passado tiveram na formação do hoje, através de suas vivências em outras camadas temporais e o possível peso que essas vivências terão sobre o seu futuro.

Não é possível questionar as problemáticas do dia-a-dia sem relacionarmos os fatos do presente com o passado, precisamos fazê-los vir à tona pra nos ajudar nessa interpretação. Se o passado é convidado a falar no presente é justamente pela necessidade desse vínculo que torna possível a intermediação entre os tempos para melhor situar-se e relacionar-se com o hoje, reforçando a necessidade de orientação do homem no tempo e no espaço através da consciência histórica, e da interpretação desse passado. Sem essa função da consciência histórica, sem as necessárias relações com os tempos, corre-se o risco de perde-se diante das transformações do mundo e de si mesmo, e, de não ter um verdadeiro conhecimento de sua historicidade enquanto sujeito construtor da História.

Referências

BARROS, José D'assunção. Koselleck, a história dos conceitos e a temporalidade. Araucária. **Revista Iberoamericana de Filosofia, Política e Humanidades**. Sevilha, ano 18, nº 35, 2016.

BEZERRA, Danieli Machado. **Esboços sobre a vida e as influências do pensamento de Koselleck para uma compreensão sobre o surgimento da História dos conceitos**. XXIX Simpósio Nacional de História: contra os preconceitos, história e democracia, 2017

BIFFI, Luciana Angelice. As complexas camadas do tempo histórico de Koselleck. Universidade Federal de Uberlândia. **Revista Fênix de História e de estudos culturais**. Janeiro-junho, 2017.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HARTOG, François. **Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo**. In: <http://www.fflch.usp.br>, janeiro de 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, PUC- Rio, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

NICOLAZZI, Fernando. A História entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. **Revista História: Questões & debates**, Curitiba, n. 53, p. 229-257, jul./dez. Editora UFPR, 2010.

ROMERO, Mariza. Entrevista de François Hartog. **Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 35, nº 70, 2015.

RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de História. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo, Contexto, 2016.

RUSEN, Jorn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-História. **Revista História da historiografia**, nº 02, março de 2009.

RUSEN, Jorn. Razão **Histórica: teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Tradução: Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

SCHMIDT, Maria A. dos Santos. GARCIA, Tania M. F. Braga. **A formação da consciência histórica e o cotidiano em aulas de História**. Caderno CEDES: Campinas. Vol. 25, nº 67, p. 297-308, 2005.

SCHMIDT, Maria A. dos Santos. Jovens brasileiros, consciência histórica e vida prática. **Revista História Hoje**. Vol. 05, nº 09, p. 31-41, 2016.

SCHMIDT, Maria A. dos Santos. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. **Tempos Históricos**. Vol. 12, 1º semestre, p. 81-96. ISSN 15174689, 2008.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Fábila Janaína Marciel da; SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; LIMA, Edgar Nogueira; GOIANA, Ivaneide Severo. Conceitos de Tempo e Consciência Histórica na Perspectiva de Historicidade Humana. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 257-271. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 19/01/2020;

Aceito: 28/01/2020.